

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**PAULA FÁTIMA FLOREK**

**FANTASIA, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO: OS CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO  
DA ESCOLA**

**ERECHIM  
2022**

**PAULA FÁTIMA FLOREK**

**FANTASIA, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO: OS CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO  
DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da  
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para  
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

**ERECHIM**

**2022**

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Florek, Paula Fátima  
FANTASIA, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO: OS CONTOS DE FADAS  
NO CONTEXTO DA ESCOLA / Paula Fátima Florek. -- 2022.  
48 f.

Orientador: Dr. Roberto Carlos Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2022.

1. Literatura Infantil; Contos de fadas; Escola. I.  
Ribeiro, Roberto Carlos, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**PAULA FÁTIMA FLOREK**

**FANTASIA, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO: OS CONTOS DE FADAS NO  
CONTEXTO DA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal da Fronteira Sul  
(UFFS), como requisito para obtenção do  
título de licenciada em Pedagogia.

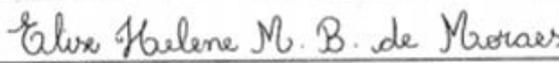
Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em: 26/08/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro – UFFS  
Orientador



---

Prof.ª. Dra. Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes – UFFS  
Avaliador interno



---

Prof.ª. Me. Susiane Maria Bampi – Prefeitura Municipal de Erechim/RS  
Avaliador externo

Dedico este trabalho aos meus pais, que não pouparam esforços para que eu pudesse concluir meus estudos, e que sempre me auxiliaram no que fosse necessário.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, por todas as oportunidades a mim concedidas e por mais esta conquista.

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais, por todo o zelo e dedicação que sempre tiveram comigo. Sem eles isso tudo não seria possível. Obrigado por tudo e por tanto!

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul/ *Campus* Erechim por me acolher e por ser um espaço de tantos aprendizados, vivências e descobertas. Sinto muito orgulho por ter feito parte desta instituição de ensino.

Agradeço também a todos os professores que estiveram ao meu lado nesta caminhada acadêmica. Cada professor contribuiu de forma positiva em minha formação docente. Gratidão por tudo!

Agradeço às minhas colegas e amigas, que sempre estiveram ao meu lado, tornando esse processo ainda mais feliz e produtivo – especialmente pelas risadas, conversas, lanches e pelas rodas de chimarrão!

Agradeço, em especial, ao meu orientador Prof. Roberto Carlos Ribeiro, por me auxiliar e me ajudar a concluir esta etapa final do curso – e por acreditar na literatura e nos contos de fadas!

Agradeço também às professoras Elise Helene Moutinho Bernardo de Moraes e Susiane Maria Bampi que aceitaram fazerem parte de minha banca examinadora. Sou imensamente grata pelo tempo disponibilizado para a leitura de minha pesquisa, e por fazerem parte desta etapa final de minha formação acadêmica!

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma com este meu processo de formação docente, meus mais sinceros agradecimentos!

## RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa sobre a atribuição dos contos de fadas para o desenvolvimento integral das crianças dentro do contexto escolar. Tem o objetivo de refletir sobre a relevância deste tipo de literatura infantil para as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com relação aos contextos de fantasia, de imaginação e de criação que os contos de fadas oferecem para as mesmas. Essa pesquisa surge por conta da importância das histórias para o desenvolvimento infantil e também para a formação de leitores. Foram escolhidos os contos de fadas, que fazem parte do vasto campo da literatura infantil, em função de serem histórias que atravessaram gerações, se modificaram ao longo do tempo, e mesmo assim continuam encantando o público infantil. A metodologia empregada para a realização deste trabalho envolveu uma pesquisa bibliográfica que compreendeu uma revisão da literatura relacionada ao tema proposto, o que incluiu a revisão de livros, documentos e artigos. Também foi realizada a leitura e a análise dos seguintes contos de fadas: “Os três porquinhos”, de Joseph Jacobs, “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, e “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen. Os principais autores utilizados para o embasamento teórico desta pesquisa foram: Abramovich (1997), Bettelheim (2007), Coelho (2000), Corso e Corso (2006), Vigotski (2009), Wolf (2019) e Zilberman (2003). Os resultados demonstram a importância e a relevância que a literatura infantil tem na vida das crianças, por conta da fantasia, da imaginação e da criação. E os contos de fadas se destacam nesta questão por serem histórias ricas nesses contextos, o que acaba potencializando ainda mais sua contribuição para o desenvolvimento infantil, para a aprendizagem na escola e para a formação de leitores. Conclui-se que, por ser uma etapa quase que exclusivamente escolar, a infância precisa do fantasiar, do imaginar e do criar, para que a criança possa construir sua própria identidade como sujeito, para encontrar seu lugar no mundo e para aprender, e os contos de fadas possuem as “ferramentas” necessárias para auxiliar as crianças neste processo.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Contos de fadas; Escola.

## ABSTRACT

The present work consists of a research on the attribution of fairy tales for the integral development of children in the school context. It aims to reflect on the relevance of this type of children's literature for children in the early years of elementary school, with respect to the contexts of fantasy, imagination, and creation that fairy tales offer them. This research arises because of the importance of stories for child development and also for the formation of readers. Fairy tales, which are part of the vast field of children's literature, were chosen because they are stories that have crossed generations, have changed over time, and yet continue to delight children. The methodology used for this work involved a bibliographic research that comprised a literature review related to the proposed theme, which included the review of books, documents, and articles. The following fairy tales were also read and analyzed: "The Three Little Pigs" by Joseph Jacobs, "John and Mary" by the Brothers Grimm, and "The Ugly Duckling" by Hans Christian Andersen. The main authors used for the theoretical basis of this research were: Abramovich (1997), Bettelheim (2007), Coelho (2000), Corso and Corso (2006), Vigotski (2009), Wolf (2019), and Zilberman (2003). The results demonstrate the importance and relevance that children's literature has in children's lives because of fantasy, imagination, and creation. Fairy tales stand out in this regard because they are stories rich in these contexts, which further enhances their contribution to child development, to learning at school, and to the formation of readers. We conclude that, because it is an almost exclusively school stage, childhood needs fantasy, imagination, and creation, so that the child can build its own identity as a subject, to find its place in the world and to learn, and fairy tales have the necessary "tools" to help children in this process.

Keywords: Children's Literature; Fairy tales; School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 LITERATURA INFANTIL: O QUE É?</b> .....	<b>12</b>
2.1 ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS.....	17
2.2 O CONTO DE FADAS NA LITERATURA INFANTIL .....	18
<b>2 LITERATURA INFANTIL: FANTASIA, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>3 A CRIANÇA EM TRÊS CONTOS DE FADAS: CONTRIBUIÇÕES DO MUNDO DA FANTASIA E DA IMAGINAÇÃO</b> .....	<b>30</b>
3.1 OS TRÊS PORQUINHOS.....	30
3.2 JOÃO E MARIA .....	33
3.3 O PATINHO FEIO .....	35
<b>4 A ESCOLA COMO ESPAÇO PROPÍCIO PARA A LITERATURA</b> .....	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto de uma pesquisa que busca refletir e discutir questões relacionadas à atribuição dos contos de fadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental como literatura infantil, e com o objetivo de realizar uma análise sobre a relevância dos contos de fadas para a etapa dos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando a importância da literatura infantil no desenvolvimento integral das crianças. O que se pretende com este trabalho é refletir sobre a importância deste tipo de literatura infantil para crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com relação aos contextos de fantasia, imaginação e criação que os contos de fadas oferecem para as crianças.

A escolha desse tema de pesquisa partiu do meu interesse e do meu apreço pessoal pelos livros e pela literatura infantil. Ler sempre foi algo que me encantava e que me proporcionava sensações únicas, sensações essas que não encontrava em nenhuma outra atividade, especialmente durante minha educação básica. A biblioteca da escola era um dos meus lugares favoritos, mesmo que fosse somente para olhar as prateleiras e folhear algum livro; era onde me encontrava com o mundo da fantasia e da imaginação – mundo esse que me encantava tanto. Considerando isso, vejo a literatura infantil como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento infantil, especialmente por essas sensações únicas que proporciona e que desperta nos leitores.

Para além do meu apreço pessoal, pesquisar sobre os contos de fadas na educação é um tema importante pela relevância do imaginário na constituição da criança. A literatura infantil além de ser porta de entrada para diversos mundos da imaginação, é também um instrumento poderoso de conhecimento, autoconhecimento e de formação integral dos sujeitos leitores e ouvintes, que geralmente são as crianças – público para qual esse gênero é destinado. Além disso, é uma ferramenta enriquecedora não só no processo de formação do lúdico e da imaginação das crianças, mas também no processo de ensino e de aprendizagem que acontece na escola.

E dentro do vasto campo da literatura infantil, estão os contos de fadas. São histórias encantadoras que têm atravessado gerações, sem nunca perder seu poder de fascinar o leitor. E, apesar de serem histórias muito antigas, nunca envelhecem.

Desse modo, escolhi os contos de fadas para retratar esse poder da literatura infantil, considerando os contextos de imaginação e de fantasia que essas histórias trazem para os pequenos leitores, no desenvolvimento integral da infância, especialmente na etapa do Ensino Fundamental.

Os objetivos específicos desta pesquisa englobam: destacar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento integral das crianças; pesquisar sobre a relevância dos contos de fadas para a etapa do anos iniciais do Ensino Fundamental; refletir sobre o significado dos contos de fadas para o desenvolvimento emocional infantil, considerando os contextos sentimentais e emocionais presentes nos mesmos; apontar a necessidade de contextos de fantasia, imaginação e criação para o desenvolvimento integral das crianças e analisar contos de fadas sob a perspectiva da infância, da imaginação, da fantasia e da criação.

A metodologia empregada para a realização da pesquisa envolveu uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental, que consistiram na revisão da literatura relacionada ao tema proposto e na análise de alguns contos de fadas. A pesquisa bibliográfica abrange uma revisão sobre a literatura referente ao tema em questão, a fim de compreender o que os pesquisadores da área têm discutido e pesquisado em relação ao tema. De acordo com Severino (2007, p. 122), a pesquisa bibliográfica acontece a partir do

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

A pesquisa bibliográfica envolve a revisão de livros, documentos, artigos e outros tipos de publicações que trazem reflexões e pesquisas sobre a temática proposta, a fim de contribuir e embasar teoricamente a pesquisa. A pesquisa documental compreende “[...] identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38), e nesta pesquisa abrangeu os contos de fadas. Os principais autores que contribuíram para o embasamento teórico desta pesquisa foram: Abramovich (1997), Bettelheim (2007), Coelho (2000), Corso e Corso (2006), Vigotski (2009), Wolf (2019) e Zilberman (2003).

A fim de apresentar a pesquisa que foi realizada, o presente texto está organizado em 4 capítulos. O primeiro capítulo, intitulado como “Literatura infantil: o que é?”, traz aspectos sobre a literatura infantil em geral, suas origens e sua importância, e também discute sobre a origem e a relevância dos contos de fadas na infância, que são o foco de pesquisa deste trabalho. O segundo capítulo tem como título “Literatura infantil: fantasia, imaginação e criação”, e abrange reflexões acerca da importância dos contextos da fantasia, da imaginação e da criação que se fazem presentes nas histórias da literatura infantil. O terceiro capítulo desta pesquisa, intitulado como “A criança em três contos de fadas: contribuições do mundo da fantasia e da imaginação”, engloba a análise de três contos de fadas: “Os três porquinhos”, do autor Joseph Jacobs, “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, e “O patinho feio”, do autor Hans Christian Andersen, que foram analisados sob a perspectiva da imaginação, da fantasia e da criação, com ênfase na sua importância para a infância no contexto escolar. O quarto capítulo tem como título “A escola como espaço propício para a literatura”, e traz algumas reflexões sobre a relevância da literatura infantil dentro do contexto escolar, a fim de contribuir com o desenvolvimento infantil e com o processo de ensino e de aprendizagem. A última parte desta pesquisa compreende as possíveis considerações finais sobre o tema proposto, ressaltando a necessidade de se utilizar a literatura infantil, e especialmente os contos de fadas, no contexto da escola.

Em seguida, o primeiro capítulo deste trabalho traz uma contextualização sobre o que é a literatura infantil, suas origens, e também irá explanar as origens dos contos de fadas – que são o enfoque central deste trabalho – e suas relações com a literatura infantil.

## 1 LITERATURA INFANTIL: O QUE É?

De acordo com Coelho (2000, p. 47), há uma variedade de modalidades de textos que podem ser rotulados e considerados como literatura infantil, “[...] desde os contos de fada, fábulas, contos maravilhosos, lendas, histórias do cotidiano... até biografias romanceadas, romances históricos, literatura documental ou informativa”. Esse gênero literário, voltado exclusivamente para as crianças, passou a ser produzido a partir do século XVII na França, com obras de La Fontaine e Fénelon e, posteriormente, os contos de fadas escritos por Perrault. Ela surge muito atrelada com a escolarização e com o viés de educar a criança moralmente (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Um exemplo dessa literatura pedagogizante é o poema "A casa", de Olavo Bilac.

### A Casa

Vê como as aves têm, debaixo d'asa,  
O filho implume, no calor do ninho! ...  
Deves amar, criança, a tua casa!  
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...  
Como tudo é feliz, no fim do dia,  
Quando voltas das aulas e do estudo!  
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,  
Com a alma pura, e o coração sem susto:  
Aqui recebes da Virtude o exemplo,  
Aqui aprendes a ser meigo e justo,

Ama esta casa! Pede a Deus que a guarde,  
Pede a Deus que a proteja eternamente!  
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,  
Te vejas, triste, desta casa ausente...

E já homem, já velho e fatigado,  
Te lembrarás de casa que perdeste,  
E hás de chorar, lembrando o teu passado...  
Ama, criança, a casa em que nascestes! (BILAC, 1904, p. 116-117)

Esse poema demonstra o caráter de moralização e de escolarização presentes na literatura infantil inicialmente, ao relatar como a criança precisa ser, se comportar e como deve agir. Isso demonstra a relação de dependência que a escola e a literatura infantil sustentaram por um longo período de tempo. A escola utilizava a literatura infantil para “[...] difundir — ataviados pelo envolvimento da narrativa, ou pela força encantatória dos versos — sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela” (LAJOLO, 2011, p. 66), que eram as crianças.

Mas, com o decorrer do tempo, houve mudanças na literatura infantil em relação a esse caráter de pedagogismo da literatura infantil, pois “[...] para nossos dias mudaram bastante os conteúdos educativos pelos quais a escola se responsabiliza. Mudaram também comportamentos, atitudes, sentimentos e valores veiculados pela literatura, mantendo-se, todavia, inalterada a relação de dependência entre literatura infantil e escola” (LAJOLO, 2011, p. 66). Portanto, a forte relação entre a literatura e a escola continua, mas sem o cunho escolarizante e moralizante, que esteve presente no início.

Já no Brasil, ela demora a aparecer: somente em meados do século XX, e ainda com traduções de livros estrangeiros, principalmente de Portugal, com autores brasileiros que escreveram com base nas traduções europeias, e que foram, de certa forma, pouco reconhecidos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Posteriormente, Monteiro Lobato, que foi o primeiro autor genuinamente brasileiro, iniciou uma revolução na literatura infantil brasileira, e a partir dele surgem grandes autores que respeitam o leitor-criança em seus livros e que não transformam a literatura apenas em uma ferramenta moralizante (SIMÕES, 2013).

Na década de 1970, houve uma explosão e uma reformulação da literatura infantil no Brasil. De acordo com Zilberman (2005, p. 52),

Durante os anos 70, foi como se a literatura infantil brasileira comesse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público.

A recompensa foi seu crescimento qualitativo, que a coloca num patamar invejável, mesmo se comparada ao que de melhor se faz para a criança em todo o planeta.

Nesse período, vários autores brasileiros se consagraram por conta de seus livros voltados para a literatura infantil, e por conta do mercado literário promissor que se instaurou nesta década no país. Pode-se destacar os autores Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Eva Furnari, entre outros (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Um exemplo dessa nova fase da literatura infantil, que não enfatizava tanto a escolarização e a moralização, é o poema “Paraíso”, do autor José Paulo Paes.

#### Paraíso

Se esta rua fosse minha,  
eu mandava ladrilhar,  
não para automóvel matar gente,  
mas para criança brincar.

Se esta rua fosse minha,  
eu não deixava derrubar.  
Se cortarem todas as árvores,  
onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,  
eu não deixava poluir.  
Joguem esgotos noutra parte,  
que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,  
eu fazia tantas mudanças  
que ele seria um paraíso  
de bichos, plantas e crianças. (PAES, 1990, s. p.)

Percebe-se que houve uma mudança na temática dos textos, sem o pedagogismo que era tão característico nas primeiras obras destinadas às crianças. Os textos evidenciam uma certa preocupação com a realidade do sujeito leitor, sem

focar somente no caráter didático-pedagógico da literatura infantil, e a mesma começa a ser reconhecida como uma arte. Essa reformulação da literatura, que aconteceu a partir de 1970,

[...] pôs em circulação, no país, uma produção altamente significativa, tanto em volume como em qualidade de material. [...] os livros destinados à criança e ao jovem, antes relegados aos desvãos das livrarias, passaram a ocupar espaços mais nobres (SILVA, 2009b, p. 107).

O despertar da literatura infantil propriamente brasileira, também despertou o interesse da escola, com o propósito de tentar reconquistar as crianças para o mundo da leitura. Desse modo, a escola “[...] redescobriu a literatura, e as editoras descobriram a escola” (SILVA, 2009b, p. 11). Segundo Lajolo e Zilberman (2007, p. 120), ao longo da década de 1970, houve “[...] um investimento bastante significativo na produção de textos voltados para a população escolar, cujo baixo índice de leitura, por essa mesma época, começa a preocupar autoridades educacionais, professores e editores”.

E nesse cenário de reconhecimento da importância da literatura infantil pela escola estão os programas públicos do governo federal que buscam garantir o acesso das crianças à literatura infantil e o incentivo à leitura, seja pela distribuição de livros ou de verbas para a compra dos mesmos, e melhorias nas bibliotecas e espaços de leitura nas escolas. Dentre os programas destaca-se o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que busca incentivar e promover o acesso das crianças aos livros e, conseqüentemente, a literatura infantil.

A década de 1980 também foi frutuosa em relação à produção literária infantil no Brasil. De acordo com Cademartori (1986, p. 11), houve uma espécie de “boom” da literatura infantil,

[...] manifestado através de uma venda sem precedentes de livros para criança, na proliferação de associações voltadas ao incentivo da leitura infantil, no surto de encontros, seminários e congressos a respeito do assunto e na inclusão de cursos de literatura infantil na programação das universidades.

Desse modo, com o passar dos anos, é perceptível um certo avanço em relação à importância da literatura infantil para o desenvolvimento integral da criança, pois os livros passam a serem vistos com outros olhos. Há uma preocupação também com a formação de professores que considerem a literatura

infantil como uma ferramenta importante; e, assim, inicia-se uma maior valorização da literatura infantil, especialmente nas escolas.

Atualmente, o avanço da tecnologia e da cultura digital têm surtido mudanças no modo como os sujeitos leem. Os celulares e computadores ganharam espaço, e o livro físico tem ficado em segundo plano. De acordo com Wolf (2019), quanto mais os sujeitos, inclusive as crianças, utilizam os aparelhos digitais, mais eles se tornam dependentes dessas ferramentas vendo as mesmas como fontes de distração e de entretenimento e, conseqüentemente, substituindo os livros, que também garantem essas funções.

Ainda, segundo Wolf (2019), nos últimos anos os indivíduos mudaram o quanto, o como, o que, e por que leem. Na verdade, a sociedade tem lido muito mais, mas se tornou uma leitura que não é “[...] contínua, constante ou concentrada [...]” (WOLF, 2019, p. 91); sem muito sentido e sem muito significado para o leitor. Não é a quantidade de palavras que torna a leitura significativa, mas “diz respeito aos efeitos significativos de quanto lemos sobre a maneira como lemos e aos efeitos de ambas as coisas sobre o que lemos e lembramos” (WOLF, 2019, p. 107).

Com toda a trajetória da literatura infantil até os dias atuais, com o avanço da tecnologia, se faz necessário pensar sobre a importância do contato físico com os “livros físicos” na formação de leitores que pensem de forma profunda e concentrada; algo que a leitura digital parece querer tirar do leitor. Dessa forma, ainda é essencial o contato com livros de “verdade”, especialmente na infância, pois “os livros são um lar – coisas físicas reais que podemos amar e curtir” (WOLF, 2019, p. 96), e os celulares e os computadores não conseguem substituir isso.

Mas, assim como existem desvantagens em relação às tecnologias, há também vantagens. Como a tecnologia chegou para facilitar a vida dos indivíduos, ela também facilita muito o acesso a livros e textos de forma muito mais rápida e prática, sem precisar ir até uma biblioteca, por exemplo. Isso é um diferencial, até mesmo para quem não tem condições financeiras de comprar um livro físico para ler. Mesmo que o contato com o livro físico permita uma maior interação com o texto, não há como negar a facilidade com que os indivíduos, e até mesmo as crianças, podem ter um livro na palma da mão com o auxílio da tecnologia – e isso é imprescindível na formação de sujeitos leitores.

## 2. 1 ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

De onde vem os contos de fadas? Tradicionalmente, têm-se falado que esse tipo de literatura infantil teve seu início na França, no século XVII com o escritor Charles Perrault, mas suas origens são ainda mais antigas (COELHO, 1987). Os contos de fadas são histórias populares que têm passado de geração em geração nas famílias, a milhares de anos. Segundo Coelho (2000, p. 173, grifos da autora),

*O conto de fadas é de natureza espiritual/ética/existencial. Originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latim “fatum”, que significa destino.*

Isso ainda no século II a. C (século I da era cristã), quando já havia registros desses contos (COELHO, 2000). Mas a sua verdadeira origem, de acordo com Coelho (1987, p. 16), “[...] perde-se na poeira dos tempos”. Como são histórias contadas pelas pessoas, e como há diversos registros em diversas culturas e línguas, fica difícil determinar com exatidão onde surgiram os textos originais dos contos de fadas – pois há contos, originados em diferentes lugares, que se assemelham em seu enredo e em seus personagens (COELHO, 1987). Desse modo, distinguir a origem exata de um conto de fadas “[...] é tarefa mais difícil do que tentar definir o que veio antes: o ovo ou a galinha” (HUECK, 2016, p. 24).

Mas não foi desde o começo, desde a origem dos contos de fadas, que esse ramo da literatura era destinado para as crianças. Inicialmente, os contos de fadas “[...] faziam parte da tradição oral e eram escutados por todos que estivessem ao seu alcance [...]” (CORSO; CORSO, 2006, p. 170), não existindo um público ouvinte determinado. De acordo com Schneider e Torossian (2009, p. 134), os contos de fadas não eram destinados para as crianças por trazerem histórias “[...] recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos” e, por causa disso, o enredo das histórias originais foi se modificando com o decorrer do tempo e passou a ser um gênero quase que exclusivo da infância. Ainda, essas histórias são “[...] versões mais conhecidas de histórias pagãs, bíblicas e medievais, que caíram literalmente na boca do povo” (HUECK, 2016, p. 25), e que muitas vezes se misturaram e se espalharam pelo mundo.

Abramovich (1997) cita os autores de contos de fadas mais famosos, e que ajudaram na propagação dos mesmos por meio de suas publicações que tiveram grande sucesso no mundo. O primeiro deles é Perrault (1628-1703), um escritor francês que reuniu em uma publicação os contos contados pelo povo. Posteriormente, estão os irmãos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm – os Irmãos Grimm – que também publicaram diversos contos endereçados para as crianças. Em seguida vem Hans Christian Andersen (1805-1875), um dinamarquês que buscava transmitir ensinamentos em seus contos publicados. Mesmo que sejam autores antigos, com publicações antigas, suas obras não ficaram no passado, e são ainda muito atuais no campo da literatura infantil.

Quanto a essa dimensão que os contos de fadas conquistaram, Hueck (2016, p. 25) afirma que

Os mesmos temas e histórias circulam nas mais diversas culturas há centenas e centenas de anos. Talvez se possa dizer que desde que existe linguagem as pessoas se contam as mesmas narrativas de morte, aventura, luta, magia e renascimento que nós nos contamos hoje em dia. Foram as mesmas inquietações humanas e universais que geraram contos parecidos que se espalharam pelo mundo. No meio de tantos relatos repetidos, os contos de fadas são apenas as versões mais conhecidas de histórias pagãs, bíblicas e medievais, que caíram literalmente na boca do povo.

Desse modo, é possível perceber que a origem dos enredos e das histórias dos contos de fadas se devem a situações vivenciadas pelas populações antigas, e que foram sendo repassadas com o transcorrer do tempo, sem perder sua originalidade e sua fantasia, que tanto prendem e encantam seus leitores.

## 2. 2 O CONTO DE FADAS NA LITERATURA INFANTIL

Os contos de fadas estão dentro do campo da literatura infantil, por isso, na maioria das vezes, são endereçados para crianças. Como visto, ouvir e ler histórias na infância é essencial para o desenvolvimento integral das crianças (emocional, social, cognitivo), e com os contos de fadas não é diferente: os mesmos têm um poder de conquistar as crianças e auxiliar em sua formação integral, pois trazem emoções e sentimentos que estão presentes na realidade das crianças e as mesmas acabam se identificando com a história.

De acordo com Corso e Corso (2006, p. 21), nossa própria vida é uma história, é um tipo de ficção, e “A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro”. As histórias que ouvimos podem ser da vida de outras pessoas ou podem ser inventadas, com origem em lendas, mitos, narrativas antigas, e passadas de geração em geração – assim como os contos de fadas. Ainda, segundo Corso e Corso (2006, p. 21), ao lermos ou ouvirmos histórias imaginadas ou vividas por outras pessoas conseguimos pensar sobre nossa vida sob diferentes pontos de vista, além de “[...] refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso”.

Bettelheim (2007), em relação a importância dos contos de fadas, afirma que a criança ao ler ou escutar um conto de fadas, externaliza seus pensamentos e pressões interiores e acaba se identificando com a história e com seus personagens. Quanto a isso, Coelho (2000, p. 55) ressalta que a criança se identifica com os heróis e as heroínas do mundo dos contos de fadas “[...] e é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação – superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto”. Assim, ela consegue organizar seus pensamentos interiores, que por muitas vezes lhe causam confusão, por meio da fantasia presente nos contos de fadas. Ainda, Bettelheim (2007, p. 217-218) afirma que o conto de fadas pode ser visto como uma obra de arte, e traz uma perfeita significação sobre a importância deste tipo de narrativa para a criança quando propõe que

Ouvir um conto de fadas e absorver as imagens que ele apresenta pode ser comparado a espalhar sementes, de que apenas algumas serão implantadas na mente da criança. Algumas trabalharão de imediato em sua mente consciente; outras estimularão processos no seu inconsciente. Outras ainda precisarão descansar por um longo tempo até que a mente da criança tenha atingido um estado adequado para sua germinação, e muitas jamais criarão raízes. Mas aquelas sementes que caíram no solo certo se transformarão em belas flores e árvores robustas – isto é, darão validade a sentimentos importantes, promoverão percepções, alimentarão esperanças, reduzirão angústias – e, ao fazê-lo, enriquecerão a vida da criança então e para sempre. Narrar um conto de fadas com uma finalidade específica que não seja a de enriquecer a experiência da criança transforma-o num conto admonitório, numa fábula ou em alguma outra experiência didática que, na melhor das hipóteses, fala à sua mente consciente, ao passo que atingir diretamente o seu inconsciente é também um dos maiores méritos dessa literatura.

Em relação a isso, Corso e Corso (2006, p. 174) também fazem uma conexão entre os contos de fadas e o seu poder de auxiliar as crianças a resolverem seus conflitos e pensamentos interiores, quando afirmam que

É como se os contos oferecessem gavetas e estantes onde fosse possível organizar elementos que, deixados à própria sorte, voariam a esmo pelo recinto do pensamento, sem que sequer tivéssemos condições de observar de que natureza era feita aquela bagunça. O conto seria essa estrutura que, atuando como um classificador, restabeleceria a ordem do mundo, conduzindo para uma solução do conflito e aliviando a angústia da criança

Portanto, é como se os enredos de fantasia presentes nos contos de fadas pudessem auxiliar na organização do pensamento da criança de forma simples e direta. Mas, nem todas as crianças compreenderão o significado de determinado conto de fadas no mesmo momento em que lê ou escuta; é um processo que varia muito (BETTELHEIM, 2007). Além disso, mesmo que o conto de fadas não tenha a intenção de enriquecer as experiências e os sentidos da criança, pelo adulto que o lê, ele consegue penetrar no inconsciente da criança gerando significações para a mesma. Em função disso, é um tipo de narrativa poderosa que conquista as crianças e que é capaz de auxiliá-las, mesmo que de forma inconsciente, em diferentes momentos de sua vida.

Bettelheim (2007) destaca que nenhuma outra literatura pode ser mais enriquecedora e satisfatória para as crianças, e também para os adultos, do que os contos de fadas, devido a carga de significados que traz no enredo de suas histórias. Para que uma história seja interessante para a criança e para que prenda sua atenção, a mesma precisa despertar a curiosidade do pequeno leitor ou ouvinte, mas,

[...] para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro. (BETTELHEIM, 2007, p. 11)

E isso os contos de fadas conseguem trazer em suas histórias. Além de encantar e instigar a imaginação das crianças com suas histórias fantasiosas repletas de reviravoltas que prendem a atenção das mesmas, conseguem auxiliar as crianças na construção de sua identidade e na resolução de questões que, muitas

vezes, estão muito bem escondidas em seu inconsciente. Coelho (2000) afirma que a divisão do bem e do mal, herói e vilão, que aparece muito nos contos de fadas não é prejudicial para a formação da consciência ética da criança, ao contrário do que muitos pensam; a criança, por meio da divisão do bem, mal e certo, incorpora os valores que sempre conduzirão sua vida. Ainda, de acordo com a autora, “[...] os contos de fada podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta” (COELHO, 2000, p. 54).

O que pode caracterizar os contos de fadas? Os contos de fadas se diferenciam de outras histórias infantis por conta da presença de questões como “[...] uso de magia e encantamentos, um núcleo problemático existencial no qual o herói ou a heroína busca sua realização pessoal e, finalmente, a existência de obstáculos a serem enfrentados pelos heróis” (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 135). Nas histórias dos contos de fadas, os heróis enfrentam desafios, combatendo bruxas, monstros, feras, e, na maioria das vezes, no final vencem, triunfando sobre o mal. E são essas características que os diferem de outras histórias.

O final feliz presente no desfecho dos contos de fadas, do bem vencendo o mal, traz sentimentos para a criança de que não importam as dificuldades e os desafios que apareçam na sua vida, no final tudo acabará bem (BETTELHEIM, 2007). Mas, de acordo com Hueck (2016, p. 15), não é regra que todos os contos de fadas tenham finais felizes, ou que sigam um mesmo roteiro na história, pois

[...] há tantas exceções à regra – príncipes cruéis, ausência de magia, finais desoladores – que quase nenhuma definição para em pé. De modo geral, vale a mesma regra para o que faz uma música boa: você pode não saber defini-la, mas vai saber reconhecer quando ouvir uma. Assim, dá para reconhecer um conto de fada já nas primeiras palavras.

A trajetória de vida, as aventuras e a trama dos contos de fadas, oferecem ao leitor respostas e ideias de como resolver e amenizar situações de sua vida real e cotidiana. Em relação a isso, Corso e Corso (2006, p. 303) afirmam que

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

As histórias e os contos de fadas, não tem o poder mágico de resolver os problemas inconscientes e conscientes da infância, mas contribuem de forma muito significativa no processo de pensar soluções e saídas para reagir diante de situações difíceis da vida, através da fantasia e da imaginação. A partir das questões psicanalíticas que envolvem os contos de fadas, por conta do enredo de suas histórias, é possível perceber sua importância para a formação da identidade da criança e para a resolução de seus problemas interiores – no inconsciente – mesmo sem perceber.

Mas porque as histórias dos contos de fadas encantam tanto seus leitores, especialmente as crianças? Abramovich (1997, p. 120), quanto a isso, afirma que

[...] os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...).

São narrativas simples, com enredos fantásticos que chamam a atenção da criança. As situações vivenciadas pelos personagens (sejam elas engraçadas ou trágicas), produzem uma identificação com os leitores, especialmente com as crianças, por tratarem de questões importantes da condição humana, oriundos da sabedoria popular, passadas de geração em geração. E isso vale para os contos originais, sem adaptações, pois se algum elemento da história “[...] for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto” (ABRAMOVICH, 1997, p. 121), e, desse modo, perde parte de seu sentido e, conseqüentemente, de sua importância para o desenvolvimento infantil.

O próximo capítulo abrange questões relacionadas aos contextos de fantasia, de imaginação e de criação que estão presentes nas histórias de literatura infantil e, especialmente, nos contos de fadas, ressaltando a significação desses contextos na infância.

## 2 LITERATURA INFANTIL: FANTASIA, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO

Ler e ouvir histórias promove a construção de contextos de fantasia e de imaginação por parte da criança: a criança abstrai o mundo presente na história para o seu mundo real e se imagina dentro da história, se identificando com o personagem, ou relaciona sua vida e suas vivências com o enredo da história. A maioria das histórias consegue trazer para o leitor esses contextos imaginativos e fantasiosos, que além de divertir e de se tornar uma brincadeira para a criança, auxiliam na sua formação pessoal, na constituição de sua personalidade e de sua identidade.

Mas como pode ser definida a imaginação? E a fantasia? Por que são elementos importantes para o pequeno leitor e ouvinte de histórias? Vigotski (2009), afirma que a imaginação está mais ligada à formação de imagens sensórias e mentais – uma construção feita pela mente do sujeito –, e a fantasia está mais ligada ao devaneio e à ficção, e as duas têm uma relação entre si.

A fantasia “[...] é um importante subsídio para compreensão de mundo por parte da criança: ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o a ordenar suas novas experiências [...]” (ZILBERMAN, 2003, p. 49), e que é algo fornecido pelos livros e pelas histórias. Além disso, a fantasia também pode ser conceituada como “[...] a capacidade mental de apagar-se o aqui e agora, que por alguma razão não é agradável, substituindo-se lhe por outra cena, que, *pertencente à mesma ordem da realidade vivida*, nega o presente desagradável por um presente contudo possível” (LIMA, 1986, p. 223, grifo do autor). A fantasia recria a realidade do leitor, trazendo novos e diferentes elementos que chamam a atenção do mesmo por conta de sua originalidade. Já a imaginação, que aflora no momento de leitura de uma história, também ajuda a recriar realidades (ABRAMOVICH, 1997), imaginar possibilidades diferentes, estimulando o pensamento infantil.

Mansur (2005, p. 11) ressalta que “O fantástico seria o irreal no sentido estético, daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, por fantasia de um espírito”. Por mais que muitos discutam a ideia de que a fantasia é uma ilusão na infância, pois cria realidades que não existem no mundo real, “[...] o mundo da

fantasia não é um *desvio errado* em relação às normas do mundo adulto: ele indica que a criança precisa desejar crescer, para que isto aconteça” (CORSO; CORSO, 2006, p. 18, grifo dos autores). E essa questão do fantástico presente na literatura infantil atrai e encanta a criança por conta de sua curiosidade de explorar o desconhecido, o desejo de aventurar-se e de conhecer outros espaços e sentimentos – especialmente na infância, que é momento de descoberta e de conhecimento do “eu” e do mundo.

Abramovich (1997, p. 138) ressalta que a fantasia “[...] é uma das formas de ler, de perceber, de detalhar, de raciocinar, de sentir... o quanto a realidade é um impulsionador (e dos bons!!!) para desencadear nossas fantasias”. Ao fantasiar, a criança constrói uma relação entre a realidade que vive com a história ouvida ou contada, e isso possibilita o entendimento do que acontece ao seu redor e a compreensão de seus sentimentos e de sua personalidade, o que contribui para seu crescimento pessoal. Muitas vezes, a fantasia é considerada como uma mera brincadeira de criança, algo sem sentido, mas inconscientemente, fantasiar impulsiona o desenvolvimento emocional, cognitivo e social na infância, não sendo, portanto, algo sem sentido e sem significado.

Desse modo, é possível compreender o porquê do encantamento por histórias na infância: a fantasia e a imaginação fluem no pensamento da criança instigando sua curiosidade e necessidade de conhecer o mundo ao seu entorno. A literatura pode ser vista como a leitura da vida, e a fantasia ajuda a criança a descobrir o mundo real e a como enfrentar os desafios que esse mundo real impõe (MANSUR, 2005).

A imaginação, a fantasia e a natureza mágica presentes na literatura infantil atraem de forma espontânea as crianças (COELHO, 2000). Em relação a presença da fantasia na literatura infantil, Mansur (2005, p. 12) afirma que,

A literatura, por não ter comprometimento com a realidade, mas com o real que ela mesma cria, é ficção e, por natureza, uma fantasia. Deste modo, estimula no leitor a curiosidade e o interesse pela descoberta, permite que vivencie novas situações, alargue os seus horizontes e torne-o mais capaz de enfrentar situações novas.

A criança precisa de situações, como brincadeiras, jogos, músicas, etc., que envolvam a fantasia, e que também se fazem presentes nas histórias, para compreender seu próprio inconsciente e para solucionar seus conflitos internos. Assim, ela constrói a compreensão de sua identidade e de sua personalidade por

meio da imaginação que a fantasia das histórias lhe proporciona. Mas, como a leitura é prazer, para que a criança consiga se apaixonar e se encantar pelo mundo da literatura e usufruir de seus benefícios, a leitura não pode ser apenas um decodificar de símbolos; precisa ir além disso e ser “[...] um instrumento que lhe permita refletir, questionar, criar e re-criar (sic) a história e a si mesma” e fantasiar sobre o mundo (MANSUR, 2005, p. 13).

A questão fantasiosa e imaginativa, que tanto encanta e prende a atenção das crianças na literatura infantil, advém dos primórdios da literatura através dos mitos, das lendas, das cantigas e dos contos maravilhosos que atravessaram – e continuam atravessando – gerações. Nesse período, a literatura era essencialmente fantástica e imaginativa pois “[...] os fenômenos da vida natural e as causas e os princípios das coisas eram inexplicáveis pela lógica [...]”, por isso o pensamento mágico prevalecia na literatura, e ainda permanece atualmente, embora com fatos do cotidiano mais presentes (COELHO, 2000, p. 52).

O maravilhoso e o fantasioso são os elementos mais importantes da literatura infantil, pois os significados simbólicos que estão presentes no enredo das histórias “[...] estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional” (COELHO, 2000, p. 54). Assim, a fantasia e a imaginação que a literatura infantil oferece, estão intimamente ligadas ao desenvolvimento integral do pequeno sujeito leitor.

Estudos recentes têm indicado a leitura de textos de ficção, o que inclui grande parte da literatura infantil e os contos de fadas, com a ação dos neurônios-espelhos presentes no cérebro humano. Esses neurônios são responsáveis por áreas de movimento e de tato presentes no cérebro. Segundo esses estudos, quando lemos ficção de forma atenta e profunda, essas regiões são ativadas de acordo com o que os personagens da história estão fazendo ou sentindo (WOLF, 2019). Isso nos mostra a forte relação das histórias com os sentimentos, em especial, a empatia que sentimos com os personagens das histórias, ao nos imaginarmos no lugar dos mesmos, sentindo o que eles sentem. Desse modo, é possível entender a importância das histórias na infância, pois auxiliam as crianças a resolverem seus dilemas interiores ao se identificarem com a história e com o que os personagens estão vivenciando na mesma.

Ainda, em relação ao contexto da imaginação e da fantasia, Vigotski (2009, p. 14), afirma que

A psicologia denomina imaginação ou fantasia a essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro. Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência pressupõe com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia, tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter qualquer significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando igualmente possível a criação artística, a científica e a técnica. Neste sentido, necessariamente tudo o que cerca foi feito pela mão do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.

Desse modo, percebe-se que a fantasia e a imaginação aparecem em vários contextos e situações cotidianas da vida, durante a infância – e até mesmo além dela. A fantasia e a imaginação permitem e estimulam a capacidade de criar da criança, e são grandemente impulsionadas pela leitura/escuta de livros e histórias. Ainda, segundo Vigotski (2009, p. 19-20), “[...] a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária”. É algo essencial, especialmente na etapa da infância, quando a imaginação, a criatividade e a fantasia fluem de modo acelerado.

Considerando que a fantasia e a imaginação estão atreladas, o que vem a ser a criação? Vigotski (2009) afirma que a imaginação é base para toda a atividade criadora humana. Levando em conta a infância, a criança precisa, portanto, de situações imaginativas para poder criar, seja nas brincadeiras ou na formulação de hipóteses sobre o mundo à sua volta. Ainda, de acordo com Vigotski (2009, p. 16), “[...] os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na mais tenra infância”, principalmente nas brincadeiras. A criança, ao imaginar e fantasiar o mundo ao seu redor, cria diferentes dimensões da realidade, relacionando-a a alguma história que ouviu, por exemplo. Desse modo, percebe-se a importância das histórias para que esse processo de criação aconteça na infância, pois é parte importante e essencial para o desenvolvimento infantil.

Esse processo de criação e de criatividade, de acordo com Alencar (1993, p. 15) “implica a emergência de um produto novo, seja uma idéia (sic), ou invenção original, seja a reelaboração e aperfeiçoamento de produtos ou idéias (sic) já existentes”. E, para que a criação aconteça, é preciso “[...] da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela”

(VIGOTSKI, 2009, p. 22). Portanto, a criação e a imaginação nada mais são do que um acúmulo de experiências do sujeito. Vigotski (2009) ainda afirma que por conta disso, a criança tem um número reduzido de processos de imaginação e de criação em relação ao adulto, pois, conseqüentemente, tem menos experiências. Mas, o autor ainda ressalta que a criança confia muito mais na sua imaginação e nas suas criações fantásticas, às controlando menos, e por isso é um processo, claramente, maior que o do adulto. (VIGOTSKI, 2009)

Por ser uma atividade importante para o desenvolvimento infantil, a criação, a imaginação e a fantasia precisam estar presentes na infância, seja por meio dos livros, ou de histórias e/ou de brincadeiras, que potencializam o processo criativo da imaginação. Isso porque,

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência - sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p. 23)

E por que as histórias, a literatura infantil e, em especial, os contos de fadas também contribuem para esse processo criativo da imaginação na infância? Ainda de acordo com Vigotski (2009, p. 23), que traz diversas contribuições e reflexões sobre a importância da imaginação e da criação para o desenvolvimento da infância,

Podemos formar imagens, criar mentalmente cenas e cenários, imaginar, tomando por base a experiência alheia. Isso se torna possível pela linguagem. Tanto a narrativa de uma pessoa quanto o efeito dessa narrativa no outro mobilizam e produzem imagens. Tanto a ficção (contos de fadas, por exemplo) quanto a história (os acontecimentos vividos e narrados) implicam a atividade criadora da imaginação.

A criança se baseia nas experiências alheias presentes dentro das histórias, e dentro dos contos de fadas, sejam essas vivenciadas por princesas ou príncipes, fadas ou bruxas; e essa ficção estimula o desenvolvimento do processo criativo da imaginação na infância. Outra questão que envolve a relevância das histórias para o desenvolvimento infantil e que evidencia também a importância do processo de criação, imaginação e fantasia, é que

[...] a criança ainda não atingiu o nível da compreensão científica e que, por isso, precisa de certos substitutos para explicar o mundo. Devido a isso, ela se conforma facilmente com a interpretação fantástica da realidade e encontra nas histórias o mesmo que o adulto encontra na religião, na

ciência e na arte, isto é, um a primeira explicação e compreensão do mundo, um agrupamento de todo um caos desarmônico de impressões em um sistema único e integral. Para a criança, as histórias representam sua filosofia, sua ciência e sua arte. (VIGOTSKI, 2003, p. 239)

A infância necessita do que está presente nas histórias e na literatura para compor suas experiências e seu processo criativo. A imaginação e, conseqüentemente, a criação, são imprescindíveis para quase todas as atividades mentais do homem (VIGOTSKI, 2009). E se a imaginação aflora na infância, e sabendo de sua importância, por que não intensificar esse processo na infância, com os contos de fadas?

De acordo com Corso e Corso (2006), a ficção e a fantasia que estão presentes nas histórias, não são encontradas da mesma maneira em nenhum outro lugar, ou em nenhuma outra atividade humana. Portanto, pode-se afirmar que as histórias são, sim, fontes inesgotáveis de imaginação, fantasia e criação. E não são só as crianças que precisam disso para sua vida, pois “[...] todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape. Para suportar o fardo da vida comum, é preciso sonhar” (CORSO; CORSO, 2006, p. 304).

A fantasia e a imaginação são processos fundamentais para o desenvolvimento do cérebro humano, segundo Vigotski (2009), pois a mente não conserva e reproduz apenas as experiências anteriores do sujeito, mas reelabora, a partir da criação, da imaginação e da fantasia, novas situações e comportamentos. Ainda, de acordo com Vigotski (2009, p. 14),

Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando seu presente.

Portanto, é a partir do passado, e a partir da imaginação, da fantasia e da criação que o sujeito recria sua realidade, por conta do potencial criador que as histórias oferecem ao imaginário do leitor. Mas por que o mundo fantástico encanta tanto as crianças? De acordo com Matte e Facchin (2019, p. 02-03),

O mundo fantástico sempre foi uma fonte de interesse para milhares de seres humanos. Estudiosos buscam saber a sua procedência.[...]. Crianças brincam e adultos sonham por causa dele. A fantasia é o sinônimo de imaginação, de pensamento ou de ideia. [...]. Fantasia é o oposto da realidade externa. Fantasia é a realização de um desejo.

As crianças buscam e procuram o mundo fantástico e imaginário, pois a partir dele conseguem compreender o real, a sua realidade, compreendendo o mundo ao seu redor através da perspectiva da imaginação e da fantasia.

Algo que pode ser questionado é se a fantasia e a imaginação na infância, através da literatura infantil, por tratarem de elementos “irreais” e fictícios, são uma forma de alienação. Fazem a criança acreditar em algo que não existe, enganando-a? De acordo com Corso e Corso (2006, p. 305), não é uma forma de alienação, muito pelo contrário, pois “[...] a ficção acaba sendo uma saída para que certas verdades se imponham. Mesmo que fragmentariamente, ela traz à tona alguns desses elementos recalcados [...]”. Portanto, não é algo que engana a criança, mas torna a realidade mais clara para a mesma, através da fantasia e da imaginação.

Em relação a isso, Vigotski (2003, p. 242) afirma que,

Não distanciamos de forma alguma as crianças da realidade quando lhes contamos uma história fantástica, desde que os sentimentos que surjam estiverem de acordo com a vida. Por isso, a única justificativa para uma obra fantástica é sua base emocional real e não nos surpreenderá reconhecer que, com a eliminação dos elementos fantásticos nocivos, a história continua sendo, de qualquer forma, uma das formas da arte infantil. Só que seu papel é totalmente diferente, isto é, deixa de ser a filosofia ou a ciência infantil e se transforma única e exclusivamente em uma mera história.

Dessa forma, a fantasia e a imaginação de modo algum irão enganar o sujeito, e nesse caso o pequeno leitor. Vivenciar o fantástico e o imaginário na infância só tem a contribuir para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Mesmo que os elementos da literatura sejam fictícios e imaginários, suas contribuições são reais para a vida cotidiana da criança.

O capítulo seguinte aborda a análise de três contos de fadas, com base no sujeito criança e nos contextos de fantasia, imaginação e criação que esses contos trazem e a forma como contribuem para o desenvolvimento integral infantil.

### **3 A CRIANÇA EM TRÊS CONTOS DE FADAS: CONTRIBUIÇÕES DO MUNDO DA FANTASIA E DA IMAGINAÇÃO**

Quando se pensa em contos de fadas, a ideia principal que vem à mente das pessoas é de que são histórias de fadas, príncipes e princesas. Mas, na verdade, nem todos os contos de fadas possuem esses personagens em suas histórias, não sendo uma característica fixa de todos os contos de fadas. De acordo com Corso e Corso (2006, p. 27), “contos de fadas não precisam ter fadas, mas devem conter algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador”.

Considerando isso, para a análise que será realizada, em relação a importância dos contos de fadas nos anos iniciais do ensino fundamental, os contos de fadas escolhidos fogem um pouco do “tradicional”, não tendo princesas e príncipes em seus enredos. Os contos escolhidos foram “Os três porquinhos”, de Joseph Jacobs, “João e Maria”, dos Irmãos Grimm, e “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen. Ambos contos trazem uma perspectiva muito forte da infância, por terem personagens crianças e também por retratarem, mesmo que de forma abstrata – com os personagens animais –, personagens crianças.

#### **3.1 OS TRÊS PORQUINHOS**

O conto “Os três porquinhos”, mais difundido na atualidade, traz a história de três porquinhos que saem de casa em busca de sua vida adulta. Cada um parte por um caminho e a primeira coisa que fazem é construir uma casa para se abrigarem e se protegerem do lobo mau: um porquinho construiu uma casa de palha, o outro uma casa de gravetos, e o mais velho uma casa de tijolos. O lobo chega, sopra sobre a casa de palha e ela voa pelos ares, e o porquinho foge para a casa do segundo porquinho – da casa de gravetos. Novamente o lobo chega, sopra a casa de gravetos e ela é destruída. Então os dois porquinhos fogem até a casa do irmão mais velho – da casa de tijolos. O lobo chega, sopra a casa e ela nem se mexe; tenta várias vezes, mas não consegue. Como esperado, somente a casa de tijolos ficou em pé, pois era a mais forte. Dessa forma, o lobo tenta outra forma de entrar na casa para pegar os porquinhos: sobe no telhado e entra pela chaminé. Mas, os

porquinhos já estavam preparados para receberem o lobo, com um caldeirão de água fervente no fogo. O lobo caiu no caldeirão, se queimou, correu para a floresta e nunca mais voltou, e os porquinhos conseguiram se salvar, e viveram felizes para sempre. Essa é a versão da história mais difundida no mundo literário atualmente, mas a história nem sempre foi assim. As versões mais antigas traziam elementos violentos que foram alterados justamente para não causar tanto impacto nos pequenos leitores.

Em algumas versões mais antigas, e inclusive na versão escrita por Joseph Jacobs, somente o terceiro porquinho sobrevive, pois era considerado o porquinho mais inteligente e não teve preguiça de construir sua casa. Assim que o lobo destruiu as casas de palha e de gravetos, dos dois primeiros porquinhos, ele os devora. Como o lobo não conseguiu derrubar a casa do terceiro porquinho, ele tenta persuadi-lo de diversas formas para o mesmo sair de sua casa. Mas o porquinho foi esperto e não caiu na conversa do lobo. Cansado de tentar convencer o porquinho a sair de casa e não obter resultado, o lobo resolve subir no telhado e descer pela chaminé, como na versão mais atual da história. O porquinho vendo a estratégia do lobo pôs um caldeirão com água fervente no fogo, onde o lobo caiu e se transformou no jantar do porquinho.

Os porquinhos retratam o sujeito criança, pois são pequenos quando saem de casa. Em algumas versões é a mãe deles que manda eles irem embora, tentar a sorte, por não ter como sustentá-los. Mas em versões mais recentes eles saem de casa pois já eram grandes e independentes e poderiam viver sozinhos. Eles decidem seguir seus rumos sozinhos, deixando sua mãe para trás.

Algo que chama a atenção é a diferença nos materiais escolhidos para a construção das casas dos porquinhos. As casas representam o progresso humano no mundo: primeiro uma casa de palha toda desajeitada, depois uma casa de gravetos um pouco mais forte, e por fim uma casa de tijolos, bem mais forte (BETTELHEIM, 2007). Ainda, em relação às casas construídas pelos porquinhos, Prado (2012, p. 85) afirma que,

A escolha dos materiais para a construção das casas também demonstra uma hierarquia de poder que se revela na leveza e inconsistência da palha pelo porquinho menor, na possível resistência da madeira pelo irmão do meio e na consistência e solidez do tijolo pelo irmão mais velho [...].

O fato de o terceiro porquinho ser o mais velho e ter construído a casa mais forte demonstra a questão do amadurecimento na infância. Os dois primeiros porquinhos constroem suas casas o mais depressa possível, sem pensarem nas consequências de uma casa frágil. Queriam que fosse algo rápido para que depois pudessem brincar o resto do dia. Desse modo, eles acabam não pensando no futuro e nos perigos que o cercavam, buscando apenas o prazer da brincadeira. Ao contrário dos irmãos, o terceiro porquinho pensa no seu futuro e constrói uma casa mais forte, deixando a brincadeira para depois, o que denota um certo amadurecimento.

A história não só da esperança para a criança que a lê ou a escuta, pois no final o bem vence o mal – o porquinho devora o lobo, ou o põe para correr – mas também mostra que usando a inteligência também pode-se derrotar o mal, mesmo que esse mal seja muito maior que nós mesmos – assim como o terceiro porquinho conseguiu ser mais esperto que o lobo. Desse modo, os três porquinhos representam o sujeito criança, não só pelo fato de serem pequenos (como o próprio título da história denota) mas também por terem atitudes imaturas. A criança acaba se identificando com cada um deles, pois cada um traz uma identidade e um estágio de desenvolvimento diferente, que vai progredindo (BETTELHEIM, 2007).

A questão da fantasia e da imaginação criadora se faz presente nesse conto de fadas. A criança propõe uma relação entre a história e os personagens com as suas situações reais de vida, e acaba se espelhando na história e nos personagens, nesse caso os porquinhos, que vão se desenvolvendo psicologicamente, algo que também acontece a todo vapor na infância.

Segundo Bettelheim (2007, p. 61), essa história mostra à criança que “[...] não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se fizermos poderemos perecer. Um planejamento e previsão inteligentes combinados a um trabalho árduo nos fará vitoriosos até mesmo sobre nosso inimigo mais feroz”. Ainda, esse conto de fadas ressalta para a criança de que a vida adulta tem seus perigos, e que as mesmas terão que se proteger dos mesmos, muitas vezes sozinhas, considerando que “[...] crescer é saber cuidar de si” (CORSO; CORSO, 2006, p. 57).

### 3.2 JOÃO E MARIA

“João e Maria”, dos Irmãos Grimm, é outro conto que não traz fadas, princesas e príncipes. Retrata a vida de duas crianças, que são abandonadas pelos pais na floresta, por conta da falta de alimentos. A família passava por condições muito difíceis, e a madrasta das crianças deu a ideia de abandoná-las na mata, pois não teriam como alimentá-las. O pai relutou, mas por fim decidiu que seria o melhor a fazer. Mas, João e Maria ouviram a conversa de seu pai e de sua madrasta, e pensaram em um plano para não se perderem na floresta e conseguirem retornar para casa. João decide usar seixos – pequenas pedras – que reluziam à luz da lua, e dessa forma seria fácil marcar o caminho de volta para casa. Na primeira vez que seu pai e sua madrasta os levaram para a floresta, e os deixaram lá, eles conseguiram voltar para casa com a ajuda da trilha de seixos de João. Mas, novamente a madrasta afirma que não há mais comida e que dessa vez devem levar as crianças para o coração da floresta, ainda mais longe, para que não conseguissem encontrar o caminho de volta; João e Maria novamente ouviram a conversa. Mais uma vez a madrasta e o pai das crianças levam eles até a floresta, bem mais longe do que na última vez. Dessa vez, João espalhou migalhas de pão pelo caminho para marcar o mesmo de volta para casa. O que eles não esperavam é que os pássaros iriam comer todas as migalhas do chão, acabando com as marcações do caminho.

Desse modo, João e Maria não conseguiram encontrar o caminho de volta para a casa, e ficaram perdidos, perambulando desesperados pela floresta. Já cansados de andar e com muita fome, João e Maria encontram na floresta uma casa feita de doces, e começam a devorar a casa. Até que aparece uma velhinha, a dona da casa, que parecia ser bondosa e os convidou para entrarem. Mas, na verdade, ela era uma bruxa, que comia crianças. Ela trancou João em uma gaiola para que ele pudesse ganhar mais peso; Maria era obrigada a cozinhar comidas bem gostosas para que João ficasse gordo. Todo dia a bruxa ia até a gaiola e pedia para João mostrar seu dedo, para ver se ele já tinha ganhado peso ou não. E João como era esperto mostrava para a bruxa um ossinho de galinha, para enganá-la. Funcionou por um tempo, até que a bruxa, cansada de esperar, decide comê-lo e pede para Maria preparar a água para cozinhá-lo. Ela também pretendia comer Maria, mas por um descuido da bruxa, Maria conseguiu empurrá-la para dentro do

forno, onde a mesma morreu queimada. Como quase em todos os contos de fadas, o bem vence o mal, e as crianças conseguem fugir da bruxa, levando consigo os tesouros encontrados na casa da mesma. Quando retornam para casa, encontram seu pai, que estava muito triste por ter abandonado seus filhos. Sua esposa, a madrasta, havia morrido. Com as joias que João e Maria haviam pegado da casa da bruxa, as aflições da família acabaram e eles viveram felizes para sempre.

A história traz uma trama triste no início pois fala da fome, do medo e do abandono das crianças pelos próprios pais, que deveriam cuidar e proteger seus filhos. Mas, a esperteza das crianças contribuiu para que a história tivesse um final feliz, e para que as crianças fossem as heroínas da história, trazendo os tesouros para casa e livrando a família da fome.

As trilhas feitas por João para marcar o caminho de casa, foram estratégias muito inteligentes, ou quase isso. A trilha de seixos funcionou muito bem, mas a trilha de migalhas de pão não surtiu o mesmo efeito. Foi uma falha nas habilidades de João e uma falta de atenção, pois João morava próximo a floresta e deveria ter deduzido que os pássaros que ali residiam poderiam comer as migalhas de pão. Desse modo, “[...] a confiança no alimento como meio de salvação (migalhas de pão para marcar o caminho) os trai [...]” (BETTELHEIM, 2007, p. 225).

A casa de doces encontrada pelas crianças na floresta é uma imagem atraente, não só para a infância, mas para os adultos também. Quem não fica encantado e tentado ao ver uma casa repleta de doces, com toda a beleza, os sabores e as cores? É algo que fascina e causa desejo, uma distração que nos afasta dos nossos objetivos. E foi o que aconteceu na história de João e Maria: buscando o caminho de casa eles encontram a casa de doces da bruxa, que ao invés de ser um paraíso, ou algo que cause muita felicidade e prazer, é uma armadilha para João e Maria.

Outro fato que chama a atenção nesse conto é a cooperação e o esforço conjunto dos irmãos para salvarem suas vidas. João salva-os primeiro com o caminho de pedras, onde eles conseguem retornar para casa. Maria salva-os na casa da bruxa, ao empurrá-la no forno, evitando que eles se transformassem em comida de bruxa. Isso sugere que as crianças devem “[...] passar a confiar mais e mais nos companheiros da própria idade para ajuda e compreensão mútuas” (BETTELHEIM, 2007, p. 230), ou seja, as crianças devem confiar nas próprias

crianças também, nos seus pares, a fim de superar e compreender situações reais da vida.

Bettelheim (2007, p. 231), afirma que esse conto “[...] encoraja a criança a explorar por conta própria até as invenções de sua imaginação angustiada, porque tais contos de fadas lhe dão confiança de que poderá dominar não apenas os perigos reais de que lhe falaram os pais [...]”, mas também aqueles medos exagerados que sua imaginação teme. Portanto, o conto de João e Maria traz de forma muito explícita a força da infância em busca de seus objetivos e de um final feliz, mesmo que para isso tenham que enfrentar vários perigos – o que serve também para a vida real, onde pode-se utilizar a fantasia e a imaginação, presentes nas histórias, para auxiliar na resolução de questões da infância.

### 3.3 O PATINHO FEIO

O conto de fadas “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen, tem como seu protagonista um pequeno filhote de cisne que nasceu em uma ninhada de patos, sendo chocado e criado por uma pata. Antes mesmo de nascer, o ovo já causava estranhamento por ser maior que os outros e por demorar tanto para rachar. Quando nasce, e sem saber sua verdadeira identidade, o cisne é muito desprezado e maltratado não só pela sua família, mas também pelas outras aves e por outros animais. Era chamado de patinho feio, e também era visto como desengonçado, desajeitado e estranho.

Não aguentando mais todos esses maus tratos e humilhações por parte de todos, inclusive de sua mãe e de seus irmãos, ele decide ir embora. Com isso começa uma longa aventura até descobrir sua verdadeira identidade: foge para o lago, com os cisnes e patos selvagens que também caçoavam dele; teve uma experiência nada agradável no meio de uma caçada na floresta, mas sobrevive; encontra uma cabana onde uma velha, um gato e uma galinha vivem, e onde fica abrigado por um tempo, mas foge por ver que não era bem recebido ali; fica congelado no lago mas é salvo por um camponês, que o leva para sua casa, mas o pequeno cisne foge da casa do camponês por medo de sofrer de novo tudo se sofreu antes; e por fim encontra sua verdadeira família: os cisnes.

No instante em que viu aquelas belas aves ficou encantado com a beleza das mesmas, e olhando para seu reflexo na água percebe que não é mais uma ave desengonçada e desagradável de se ver, mas que é um cisne muito bonito também. Os outros cisnes o acolheram com muita alegria, e ele viveu feliz para sempre com sua verdadeira família. Corso e corso (2006, p. 33) afirmam que, o “Patinho Feio é um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição”, além de traduzir de forma muito emocionante e cativante, a angústia de uma criança em busca do seu lugar na família.

É mais um conto triste e comovente que faz o leitor sentir na pele a tristeza do desprezo e do abandono, especialmente em relação a sua família. O patinho feio – que na verdade era um cisne, e que apenas havia caído no ninho errado – sofreu muito até descobrir sua verdadeira identidade, sua verdadeira família e seu lugar no mundo. Ele percebeu que não era bem-vindo naquele lugar, naquele lar, e por esse motivo resolveu ir embora. O conto do patinho feio também se diferencia dos outros por não ter exatamente um vilão na história, e também por não haver uma reviravolta onde o vilão se dá mal. Nesse caso, o patinho, ou melhor, o pequeno cisne consegue vencer seus medos e dificuldades sozinho, pelo simples fato de descobrir quem ele é.

Outra questão que também chama a atenção na história é a autoestima e o desprezo pelo que é diferente. A mãe pata e seus irmãos patinhos o tratavam de forma muito humilhante, somente pelo fato de ele ser diferente fisicamente. Sem contar os outros animais que também o ridicularizavam, caçoando dele. Mas o pequeno cisne foi forte, e aguentou todas as humilhações. O diferente não é feio, e não deve ser desprezado; a diferença é que torna os sujeitos únicos e especiais. No final da história, o que garante a felicidade do pequeno cisne é encontrar sua família e ter sua autonomia, trazendo para o leitor a ideia de que todos precisam um dia, lutar pelo seu lugar no mundo (CORSO; CORSO, 2006). E a partir da literatura, da imaginação e da fantasia que a criança compreende isso no seu consciente e também no seu inconsciente: todo sofrimento e todas as lutas que passamos trazem recompensas no futuro.

O capítulo a seguir apresenta reflexões sobre a necessidade da escola ser um ambiente facilitador na questão da literatura infantil, e sobre a importância do papel do professor mediador no processo de formação de leitores.

#### 4 A ESCOLA COMO ESPAÇO PROPÍCIO PARA A LITERATURA

Os três contos de fadas escolhidos, e acima analisados, trazem diferentes tipos de sentimentos e de emoções. O medo, a angústia, a tristeza, o abandono, e nos finais das histórias – que nesse caso são felizes –, a alegria, a felicidade e a emoção. A partir disso, muitas questões podem ser abordadas na prática escolar, a partir da leitura destes contos de fadas, explorando seus contextos imaginativos, fantasiosos e sentimentais, de forma que propiciem a criação e a criatividade das crianças na escola. E não deve ser algo voltado especificamente para o pedagógico, mas trazer a leitura para a sala de aula, especialmente dos contos de fadas, contribui para a formação psicológica e social da criança.

Na escola, é imprescindível o contato com os livros de literatura infantil, em todas as etapas de ensino, pois auxiliam no processo de formação dos sujeitos, além de oferecer momentos lúdicos e de prazer para as crianças. Livros e histórias de qualidade são fundamentais para aguçar ainda mais o gosto pela leitura das crianças, e, conseqüentemente, formar sujeitos leitores. Mas o que são livros de qualidade? Segundo Cademartori (2010, p. 33), ao escolher um livro é preciso pensar se “[...] esse livro permite que a criança perceba a força criativa da palavra ou da imagem? Ou não há nele nenhuma novidade, nada que atraia e prenda a atenção no arranjo dos signos, no modo como foi composto?”. Essa avaliação acarretará sempre na escolha de bons livros para as crianças.

Ao escolher uma história, é preciso ter em mente o que ela pode oferecer para as crianças no momento que estão vivendo, e que reflexões ela pode gerar no consciente infantil. O hábito de ler pode, e precisa, ser iniciado em casa, ainda com a família, mas é na escola que esse hábito efetivamente precisa criar raízes na criança. Se dentro do espaço familiar, os pais e outros familiares da criança são os contadores de história, no ambiente escolar é o professor quem precisa continuar “regando” e enriquecendo esse hábito na criança.

A escola é, sim, um espaço privilegiado para o encontro do leitor com o mundo das histórias, um espaço que é base para a formação do sujeito. Quanto a isso, Coelho (2000, p. 16) ressalta que é na escola que

[...] privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis [...].

Por isso, a literatura precisa estar presente na sala de aula e em todos os espaços possíveis da escola, considerando sua importância para o desenvolvimento integral infantil. Na escola, pode-se dizer que a literatura educa o leitor, mas não no sentido escolarizado que envolve deveres, pontos, e notas, mas em aspectos relacionados à vida e ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança (AMARILHA, 2009). Desse modo, é necessário um extremo cuidado em relação à forma como a literatura é utilizada na escola. De acordo com Beluzzo *et al.* (2015, p. 17),

A escola é um lugar privilegiado por ter forte influência sobre as crianças e, por isso, deve assumir esse papel com o intuito de promover o gosto pela leitura e escrita, e não utilizar a literatura para inculcar normas, valores, regras e, ainda, tendo como fim uma lista de atividades e perguntas para que se preencha em relação à história trabalhada. Assim é que se esvazia o gosto por ler e ouvir histórias, juntamente com a Literatura Infantil e o seu real significado.

Tratar a literatura na escola com objetivos pedagógicos que visem notas e avaliações extingue o puro prazer que a mesma pode oferecer para a criança; isso banaliza o ato da leitura por deleite, e a criança acaba por temer a literatura infantil. Com a noção de dever e de tarefa a ser cumprida e sem considerar o prazer, a descoberta e o encantamento que a literatura proporciona para a criança, o ato de ler torna-se algo muito vago e com pouco significado e sentido para a criança, e desse modo não é possível estabelecer uma boa relação com a literatura infantil (ABRAMOVICH, 1997).

Mas será que a realidade e a infraestrutura das escolas possibilitam o contato das crianças com os livros? Ter uma biblioteca na escola e promover o acesso das crianças neste espaço é fundamental para incentivar ainda mais o hábito de ler e de se aventurar no mundo da imaginação e da fantasia presente nas histórias. Há diversos jeitos de proporcionar para as crianças o contato com a literatura infantil, sem que seja algo enfadonho, e ir para a biblioteca é um deles: a criança vê aquele espaço repleto de livros e sua primeira ação é procurar o livro que mais lhe chame a atenção. É desse modo que se inicia o hábito da leitura, que precisa ser propiciado e oportunizado para as crianças pelo professor e pela escola.

No entanto, nem todas as escolas dispõem de um espaço que possa ser chamado de biblioteca, ou uma sala de leitura, onde as crianças tenham um lugar calmo e tranquilo para realizar suas leituras. De acordo com os dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2020, na rede pública de ensino, somente 31% das escolas do país possuem biblioteca – definida como um espaço com acervo de livros e com um profissional especializado, o bibliotecário – e apenas 23% possuem uma sala destinada para a leitura. Levando em conta somente a rede estadual de ensino, 59% das escolas possuem biblioteca e 31% possuem sala de leitura. Já na rede municipal de ensino os índices despencam, onde 23% das escolas dispõem de biblioteca e 21% possuem sala de leitura (BRASIL, 2021). São índices muito baixos, o que acaba dificultando o acesso e o contato dos sujeitos com os livros e a literatura infantil, e, claro, à grande fonte de conhecimento e de pesquisa que uma biblioteca pode oferecer.

Muitas vezes, as causas desses baixos índices de bibliotecas e de salas de leituras se deve a pouca valorização da importância desses espaços na escola e a falta de investimentos por parte do poder público, para equipar as escolas com estes espaços. De acordo com Caldeira (2003, p. 47), a biblioteca nas escolas visa “[...] proporcionar aos alunos oportunidades de leitura intensa e autônoma, além de incentivar a busca de informação para responder a questionamentos e solucionar problemas [...]”. E, além disso, é um espaço de encontro das crianças com o mundo da literatura infantil, tão imprescindível para a formação integral das mesmas, e para a formação de sujeitos leitores.

Na sala de aula, o professor possui um papel muito significativo na relação da criança com a literatura infantil: ele é incentivador e mediador no desenvolvimento do hábito de leitura da criança. Segundo Silva (2009a, p. 145), “[...] o professor, sendo ele um exemplo para os alunos, precisa demonstrar o gosto que tem em realizar leituras, o prazer que sente em se comunicar por meio de textos escritos, ser um exemplo de leitor assíduo e escritor competente”. Como a criança se espelha muito em seu professor, ao ver seu interesse em ler, o aluno percebe que a leitura é algo bom e sentirá curiosidade em conhecer o mundo da literatura por meio dos livros. Assim, as chances de essa criança se tornar um leitor ativo serão grandes, maiores do que daquelas crianças que não tem um professor interessado e ativo na questão literatura.

Como são um exemplo para seus alunos, em relação ao desenvolvimento do hábito da leitura, os professores precisam

[...] perceber a riqueza e a estrutura do livro de literatura infantil [...]. Para isso, o professor também precisa saber ser leitor, o professor precisa estar preparado para formar sujeitos leitores, e isso significa na leitura diária do livro de literatura, na interpretação coletiva, feita com alunos e professor e no registro, que é a construção do sentido do texto, o esforço em escrever algo que se ouve, mediado obviamente pelo professor, leva à compreensão do velho e à possibilidade de criação do novo, o modo de trabalhar a literatura infantil em sala de aula requer identificar a forma como se trabalha, envolvendo a interpretação do texto, a exploração do livro, a coligação do autor e do ilustrador com o que pretendem passar com a história narrada estimulando a curiosidade das crianças e o desejo de dialogar sobre o livro. (FARIA, 2004, p. 21)

O professor como mediador entre a literatura infantil e a criança, abre caminhos e propõe situações nas quais a literatura se faz presente na sala de aula. Dessa maneira, promove a formação de sujeitos leitores, que enxergam a literatura como fonte de prazer e de aprendizado, além de ser uma forma de entretenimento. Mas, não basta apenas ter o papel de facilitador e de mediador da literatura na escola, pois o professor também precisa escolher livros e textos que sejam de qualidade, para não criar situações desagradáveis no encontro entre a criança e a leitura. Para escolher materiais de qualidade, e dessa forma incentivar seus alunos a lerem, existem alguns critérios que podem ser seguidos pelo professor. São estes:

- a) o conhecimento de um acervo literário representativo;
- b) o domínio de critérios de julgamento estético, que permitam a seleção de obras de valor;
- c) o conhecimento do conjunto literário destinado às crianças, considerando-se sua trajetória histórica (origem e evolução), assim como os autores atuais, nacionais e estrangeiros, mais representativos;
- d) a manipulação de técnicas e métodos de ensino que socorram e auxiliem o mestre no processo de incremento e estímulo à leitura. Isto significa, por parte do professor, o reconhecimento de que a leitura é uma atividade decisiva na vida dos alunos, na medida em que, como se viu, permite a eles um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade. Pela mesma razão, invalidam-se a concepção e o emprego do livro como instrumento de transmissão de normas, sejam linguísticas ou comportamentais, ressaltando-se, em lugar disso, o seu destino inquiridor e cognitivo (ZILBERMAN, 1998, p. 27).

Sendo modelo, mediador e facilitador da leitura para as crianças e levando em conta a qualidade dos livros e textos que oferece para as crianças, o professor constrói uma prática pedagógica que traz sentido para a criança em relação à literatura. Por isso, é possível afirmar que o professor semeia, cultiva e faz brotar em

cada criança o gosto, a competência e o desejo pela literatura, e pelas sensações e sentimentos que a mesma proporciona através da fantasia e da imaginação (SILVA, 2009a). Trazer a literatura infantil para a sala de aula, e, especialmente os contos de fadas, sabendo da sua importância em relação à imaginação e à fantasia – e considerado a importância das mesmas para o desenvolvimento infantil – é imprescindível para que a criança tenha acesso a essa ferramenta tão eficaz para a mesma se descobrir e descobrir o mundo ao seu redor.

Em seguida, na última parte deste trabalho, estão as considerações finais desta pesquisa, considerando a relevância da literatura, das histórias e dos contos de fadas no período da infância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil passou por diversas transformações ao longo do tempo, mudanças essas que, na maioria das vezes, vieram para melhorar a qualidade das histórias ofertadas para o público infantil. A literatura infantil surge com a ideia de educar e de moldar moralmente a criança. Mas, com o passar do tempo foi possível perceber que a literatura infantil tinha muito mais a oferecer em relação ao desenvolvimento infantil. Não era algo que somente divertia e gerava prazer, mas que auxiliava a criança de modo inconsciente e consciente, através dos contextos de fantasia, imaginação e criação que as histórias oferecem para a mesma, ao ouvir ou ler uma história.

Os contos de fadas também vêm de um caminho repleto de mudanças e de adaptações, mas que nunca tiraram sua verdadeira essência: encantar seus leitores. Inicialmente, eles eram voltados para o público adulto, e continham enredos violentos e cruéis. Estavam presentes em diversas civilizações, que utilizavam essas histórias de forma oral, em encontros, com o intuito de diversão e de entretenimento das pessoas. Dessa forma, resistiram até os dias atuais, sendo repassados de geração em geração. Mas, com o passar do tempo, eles foram sendo modificados, justamente para retirar das histórias esses aspectos de violência e de crueldade, até que chegassem às histórias que conhecemos hoje, e que tanto encantam as crianças.

Essas histórias cativam e fascinam o público infantil até hoje. O que proporciona essa admiração em relação à literatura infantil e aos contos de fadas nas crianças, são os contextos de fantasia, de imaginação e de criação que essas histórias oferecem para seus pequenos leitores e ouvintes. O mundo mágico das princesas e dos príncipes, dos reis e das rainhas, das bruxas, das fadas e dos gigantes contribuem para o fortalecimento da imaginação e da fantasia na infância, auxiliando nos processos de criação e de criatividade, que tanto sustentam o desenvolvimento infantil.

A criança está sempre em processo de imaginar, fantasiar e criar no seu dia a dia e nas situações que vivencia. E os contos de fadas permitem um despontar desses processos, enriquecendo suas vivências, tanto de forma consciente, como

de forma inconsciente. Além disso, as histórias dos contos de fadas evidenciam a questão do bem que sempre vence o mal, e isso acaba criando na criança uma sensação de segurança e de esperança, demonstrando para a mesma que não importa o quanto as coisas estejam difíceis, em algum momento elas irão melhorar. Dessa forma, é possível perceber que, além de serem uma forma de divertimento que causa prazer e alegria na criança, as histórias são uma fonte de aprendizado, mesmo que não tenham a intenção implícita de educar a criança.

Como supracitado anteriormente, o que caracteriza muito as histórias dos contos de fadas são os elementos mágicos e os personagens que comumente estão presentes nas mesmas: geralmente príncipes, princesas, reis, rainhas. Mas nem todo conto de fadas precisa ter por lei estes personagens. Desse modo, para quebrar com essa crença de que todo conto de fadas tem um príncipe ou uma princesa, um rei ou uma rainha, os contos escolhidos para a análise desta pesquisa não trouxeram nenhum destes personagens em suas histórias. São histórias que evidenciam o sujeito criança, trazendo personagens crianças ou representando de forma abstrata as crianças e a infância.

Os três contos escolhidos e analisados nesta pesquisa ressaltam questões do próprio desenvolvimento psicológico e social infantil, como no conto “Os três porquinhos”; evidenciam a necessidade de em alguns momentos da vida as crianças precisarem lutar contra os problemas e os perigos sozinhas – sejam perigos reais ou imaginados por elas – como na história de “João e Maria”; e também destacam a importância da construção e da busca pela própria identidade, buscando e conquistando seu lugar no mundo, como no conto “O patinho feio”. A criança, ao ler ou ouvir um conto de fadas, nem sempre percebe o que a história quer lhe dizer de forma direta, mas é algo que fica armazenado no inconsciente da criança, auxiliando a mesma em situações onde ela necessite dessas informações.

Analisando os contos de fadas, é possível perceber seu poder de tratar questões cotidianas que acontecem ou que podem acontecer na vida das mesmas, com doses de imaginação e de fantasia, o que prende a atenção das crianças. Toda a fantasia e a imaginação presentes em um conto de fadas não são em vão: tudo que está por trás da história tem o objetivo de fazer a criança se identificar com a mesma a fim de resolver seus conflitos internos e externos com a ajuda dessas histórias.

A escola, como instituição formadora, precisa propiciar às crianças o contato com os livros e com as histórias. O professor também tem um papel fundamental na disseminação da literatura entre as crianças, por isso deve considerar a literatura como um dos pilares mais importantes de sua prática pedagógica. Além disso, o professor precisa ser o mediador nesse processo de incentivo e de busca pela literatura por parte das crianças, pois as mesmas o veem como um exemplo a ser seguido. Incentivar a leitura e oportunizar momentos de leitura e de contação de histórias na escola é indispensável na formação de sujeitos leitores, e que vejam na literatura, e nos contos de fadas, uma fonte de prazer, fantasia e aprendizagem para a vida – mesmo que isso não seja um objetivo manifesto da literatura infantil. Mas é claro que isso não depende somente do professor, pois a escola também precisa estar bem equipada, com bibliotecas e livros onde as crianças tenham livre acesso, o que demanda investimentos públicos e políticas públicas que priorizem a literatura infantil na escola.

A fantasia, a imaginação e a criatividade são elementos essenciais para o desenvolvimento da mente humana, e em especial no período da infância, que é momento de novas descobertas e novos aprendizados. O contato das crianças com os contos de fadas precisa ser garantido desde muito cedo, para que a mesma não perca os benefícios dessa literatura para sua vida. Assim como os contos de fadas aqui analisados demonstram, essas histórias, além de cativar os pequenos leitores, contribuem para a construção do “eu”, auxiliando na descoberta do seu lugar no mundo como sujeitos. Sem contar que a imaginação, a fantasia e a criatividade contribuem no processo de ensino e de aprendizagem das crianças, construindo sujeitos críticos, autônomos e criativos.

Desse modo, o uso dos contos de fadas no contexto da escola contribui não só com a aprendizagem e com o desenvolvimento integral da criança, mas também são porta de entrada para o mundo fascinante da literatura infantil e dos livros. Mundo esse em que se pode viajar para diversos lugares e dimensões sem sair do próprio lugar, onde o bem vence o mal, e onde tudo que o leitor imagina é possível. Na escola também aprende-se fantasiando, imaginando e criando, e isso é algo que as histórias e os contos de fadas garantem ao pequeno leitor.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo, SP: Scipione, 1997.

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. **Criatividade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura Infantil e prática pedagógica. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BELUZZO, Angélica Prychua et al. Razões dos professores e expectativas dos estudantes em relação à literatura infantil. *In*: BITTENCOURT, Zoraia Aguiar (org.). **Literatura Infantil na escola**. Porto Alegre: Evangraf, 2015. p. 13-22.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BILAC, Olavo. **Poesias infantis**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Francisco Alves, 1904.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília/ DF: Inep, 2021.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CALDEIRA, Paulo da Terra. O espaço físico da biblioteca. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 47-50.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HUECK, Karin. **O lado Sombrio dos Contos de Fada: As origens sangrentas das histórias infantis**. São Paulo: Editora Abril, 2016.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANSUR, Odila Maria Ferreira Carvalho. O imaginário na literatura infantil. **Perspectivas**, Campos dos Goytacazes, v. 04, n. 07, p. 09-18, jan./jul., 2005.

MATTE, Fernanda Marinho; FACCHIN, Fernanda. “Era uma vez...”: a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico. **Analytica**, São João del-Rei, v. 08, n. 14, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v8n14/05.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. São Paulo: Ática, 1990.

PRADO, Patrícia Dias. Os três porquinhos e as temporalidades da infância. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 32, n. 86, p. 81-96, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000100006>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: mar. 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **Revista Eletrônica de Graduação da UNIVEM**, v. 02, n. 02, jul./dez., 2009a, p. 135-149.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2009b.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura Infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 46, 2013, p. 219-242.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. A educação estética. *In*: VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 225-243.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução Rodolfo Ilari; Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.